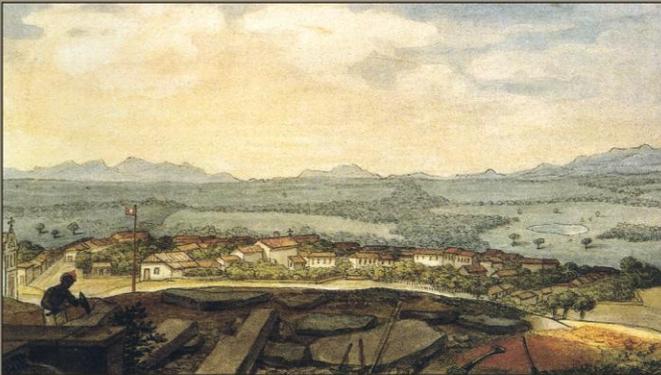


A CANTARIA EM CURITIBA – HISTÓRIA CONTADA PELAS PEDRAS

Antonio Liccardo

O entalhe dos materiais rochosos com finalidades construtivas ornamentais e/ou estruturais constitui o que se conhece, no Brasil e em Portugal, por cantaria. Dar forma às rochas retirando ou quebrando controladamente os cantos, provavelmente deu origem ao termo em português. A técnica da cantaria é um antigo ofício vindo da Europa com portugueses e espanhóis e que, em Curitiba e arredores, se desenvolveu também com os italianos, fornecendo trabalhos em pedra para calçamentos, muros, chafarizes, marcos e monumentos.



O ofício de canteiro é hoje considerado uma atividade em extinção no Brasil e Curitiba apresenta, não só inúmeras obras construídas com essa técnica, como também canteiros-artesãos que cada vez mais foram se afastando em direção às fontes de material, a norte e a leste da cidade. Essa atividade de entalhar as pedras vem acontecendo há gerações e frequentemente a técnica foi transmitida de pai para filho. Atualmente, existe uma tendência à interrupção desta tradição, em função de vários aspectos da vida moderna.



Em Curitiba, apesar de registros eventuais de uso de cantaria desde os primórdios, um grande surto de sua aplicação acontece na primeira metade do século XX e estreitamente vinculada à presença dos imigrantes italianos recém-chegados. Explorando as poucas ocorrências de diabásio e depois plenamente o granito, estes artesãos contribuíram fortemente para a mudança radical no urbanismo de Curitiba.



Desde o Marco Zero ao Monumento a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, incluindo as Ruínas de São Francisco, o Homem Nu e os calçamentos de petit pavé, a pedra foi o material que mais bem conservou a expressão de um tempo, uma cultura e um ofício, além de revelar informações sobre seu local de origem. A cantaria, já retratada em gravuras de Debret (1827), representa uma importante ligação entre a natureza e a habilidade de criação do ser humano, ao longo da história.



No Brasil, a cantaria foi utilizada nas construções desde o século XVI, com a vinda de Tomé de Sousa, em 1549, atingindo seu ápice e primor nas Minas Gerais do século XVIII. Entre o Descobrimento e o século XVII a técnica era utilizada pelos portugueses para a construção de fortalezas, fortes, marcos e outras construções ao longo do litoral. Nesse período a rocha utilizada era o lioz, uma espécie de calcário branco, trazido de Portugal como lastro em navios.

Às vezes também se utilizavam as rochas encontradas próximo às construções, como o calcário encontrado na Bahia, que foi identificado, pelo cronista Gabriel Soares Souza, como muito parecido ao lioz retirado em Alcântara, Portugal.

Geologicamente, o território curitibano tende a apresentar mais lama do que afloramentos rochosos. As pedras, portanto, não foram encontradas em abundância no início da construção do antigo vilarejo. Em 1756 a igreja matriz foi ameaçada de interdição, pois a edificação apresentava muitos problemas. Estabeleceu-se, então, um rodízio semanal para que os moradores da vila se dedicassem à obtenção de pedras para sua restauração. Em 1758 foi determinado pela Câmara que se fechasse à chave o portão da pedreira, e que o mesmo não fosse aberto “senão para o ministério da Pedra da Igreja Matriz”. Este fato deixa claro a raridade de afloramentos rochosos nas proximidades da vila e a dificuldade de obtenção de pedras até mesmo para a construção de paredes simples ou fundações.



A observação dos detalhes, das técnicas utilizadas e dos estilos predominantes nas obras de cantaria em Curitiba permite importantes inferências históricas e sociais.

O contexto da vida moderna tem conduzido a uma desvalorização de certas atividades e conceitos, entre eles o uso de pedras trabalhadas como distinção e nobreza e conseqüentemente a técnica de cantaria. Trata-se de uma atividade difícil de ser aprendida e os velhos artesãos que morrem levam consigo este saber adquirido em séculos de cultura.

O resgate deste ofício em Curitiba e região conduz à história da imigração italiana no Paraná e sua influência na arquitetura e urbanismo da cidade, até mesmo após a morte, na arte tumular. As obras em granito e outras rochas revelam todo um contexto histórico-social da Curitiba do século XX, principalmente em sua primeira metade.

Calçadas e pavimentos de pedra como o petit pavé ou os passeios de lousinha, muitas vezes trocados em razão de revitalizações ou modernização urbana, não são simples revestimentos, mas representam um símbolo da cidade. Calçadas de lousa em granito cinza-rosado nos moldes como foram feitas em Curitiba são únicas no mundo e, certamente, são importantes para dar “o ar curitibano” à paisagem. Trata-se de um patrimônio material impregnado de intensa cultura e conteúdo imaterial.

Possivelmente não existirá mais produção de paralelepípedos, meio-fios, boca-de-lobo e lousinhas nos próximos anos, pois as pavimentações e os projetos urbanos hoje utilizam outros materiais. Não se instalam mais monumentos de praça em granito e até mesmo os cemitérios se transformaram em jardins gramados para o descanso final. As pedras que hoje parecem tão onipresentes, ordinárias e vulgares, certamente são um patrimônio cujo conteúdo cultural deve ser compreendido e preservado para as futuras gerações.

Num segundo momento, com expansão dos limites territoriais e a evolução urbana, possivelmente por volta dos anos 70 (século XIX), iniciou-se o uso mais intensivo do diabásio, que poderia ser extraído ao longo do eixo da rua Mateus Leme, local onde a geologia aponta a presença de diques. O diabásio muitas vezes foi chamado de basalto, mas sua ocorrência dentro de fraturas (formando os diques) é a principal diferença, apesar da grande semelhança composicional e textural entre estas rochas. Este material foi muito importante para os primeiros pavimentos, pois era mais facilmente trabalhável e grandes blocos regulares passaram a ser cortados. É possível, até mesmo, que tenha havido uma “moda” de pavimentos em pedra preta no final do século XIX, pois muitas das ruas já eram revestidas com paralelepípedos nesta época e o diabásio era o melhor material disponível.

A pavimentação da Graciosa (1873) e a construção da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba (1885) significaram uma grande mudança na extração e uso das pedras no conjunto urbano. As famosas jazidas de granito cinza-rosado da região da Borda do Campo, hoje município de Quatro Barras, passaram a fornecer paralelepípedos que foram trazidos pelo trem. Além disto, em várias pontes na Graciosa e na ferrovia foram utilizadas peças elaboradas de cantaria em granito. Esta época também coincide com a chegada de levas de imigrantes italianos e o início de um verdadeiro surto de urbanização, que aconteceu a partir do início do século XX. O granito da Borda do Campo foi então a matéria-prima para os pavimentos e para as cantarias mais elaboradas. Ainda hoje se observa o total predomínio desta rocha nas cantarias e pavimentação de passeios em Curitiba.



SOBRE O AUTOR:

Antonio Liccardo é geólogo e professor no Depto de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). Recentemente publicou o livro «La pietra e L'uomo - Cantaria e Entalhe em Curitiba, que aborda este tema. Co-autor também da obra «A Arte da Cantaria», editado em Ouro Preto, MG.